

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | Época Especial | Ensino Secundário | 2022
12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 27-B/2022, de 23 de março

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

9 Páginas

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema.

- Lisboa com suas casas
De várias cores,
Lisboa com suas casas
De várias cores,
5 Lisboa com suas casas
De várias cores...
À força de diferente, isto é monótono,
Como à força de sentir, fico só a pensar.
- Se, de noite, deitado mas desperto
10 Na lucidez inútil de não poder dormir,
Quero imaginar qualquer coisa
E surge sempre outra (porque há sono,
E, porque há sono, um bocado de sonho),
Quero alongar a vista com que imagino
15 Por grandes palmares fantásticos,
Mas não vejo mais,
Contra uma espécie de lado de dentro de pálpebras,
Que Lisboa com suas casas
De várias cores.
- 20 Sorrio, porque, aqui, deitado, é outra coisa.
À força de monótono, é diferente.
E, à força de ser eu, durmo e esqueço que existo.
- Fica só, sem mim, que esqueci porque durmo,
Lisboa com suas casas
25 De várias cores.

11/5/1934

Álvaro de Campos, *Poesia*, edição de Teresa Rita Lopes,
Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, pp. 491-492.

* 1. Relacione o conteúdo do verso 7 com o dos primeiros seis versos do poema.

* 2. Na segunda estrofe, o sujeito poético manifesta o desejo de sonhar algo diferente da realidade.

Explícite o contexto em que ocorre a manifestação desse desejo, bem como a razão pela qual o sujeito poético não o consegue concretizar.

* 3. Tanto no verso 8 como no verso 22, são enunciados processos de transformação no sujeito poético, ambos associados a uma ideia de intensificação.

Explícite esses processos de transformação.

4. Selecione a opção de resposta adequada para completar a afirmação.

De entre os vários processos que contribuem para imprimir ritmo ao poema, destaca-se a presença, em simultâneo,

(A) de um esquema rimático fixo em todas as estrofes e da repetição de palavras em final de verso.

(B) da alternância entre versos longos e versos curtos e de anástrofes frequentes.

(C) de um esquema rimático fixo em todas as estrofes e de anástrofes frequentes.

(D) da alternância entre versos longos e versos curtos e da repetição de palavras em final de verso.

PARTE B

Leia o excerto de *Quem tem farelos?*, a contextualização apresentada e as notas.

Contextualização

Neste excerto, é reproduzido o diálogo entre dois criados, Apariço e Ordoño, este último de nacionalidade castelhana. Ambos servem escudeiros.

- ORDOÑO – Quién es tu amo?¹ Di, hermano².
APARIÇO – É o demo que me tome.³
Morremos ambos de fome
e de lazeira⁴ todo ano.
- 5 ORDOÑO – Con quién vive?
APARIÇO – Que sei eu?!
Vive assi per i, pelado
coma podengo⁵ escaldado.
- ORDOÑO – De qué sirve?
10 APARIÇO – De sandeu⁶.

Pentear e jejuar
tod'o dia sem comer,
cantar e sempre tanger⁷,
sospirar e bocijar.
- 15 Sempre anda falando só.
Faz Ûas trovas tam frias,
tam sem graça, tam vazias,
que é cousa pera haver dó.

E presume d'embicado⁸,
20 que com isto raivo⁹ eu.
Três anos há que sam¹⁰ seu
e nunca lhe vi cruzado¹¹.
Mas, segundo nós gastamos,
um tostão nos dura um mês.
- 25 ORDOÑO – Cuerpo de san! Qué coméis?
APARIÇO – Nem de pão nam nos fartamos.

ORDOÑO – Y el caballo?
APARIÇO – Está na pele,
que lhe fura já a ossada.
- 30 Nam comemos quasi nada,
eu e o cavalo nem ele.
E se o visses brasonar¹²
e fingir mais d'esforçado!
E todo o dia aturado
- 35 se lhe vai em se gabar.

Gil Vicente, *Quem tem farelos?*, edição de José Camões, in www.ceteatro.pt (consultado em 17 de junho de 2022).

NOTAS

- ¹ *Quién es tu amo?* – Quem é o teu amo?
² *Di, hermano* – Diz, irmão.
³ *É o demo que me tome.* – O diabo que me leve.
⁴ *lazeira* – miséria.
⁵ *podengo* – raça de cães.
⁶ *sandeu* – parvo; louco.
⁷ *tanger* – tocar.
⁸ *presume d'embicado* – tem-se na conta de inspirado.
⁹ *raivo* – irritado-me.
¹⁰ *sam* – sou.
¹¹ *e nunca lhe vi cruzado* – e nunca fui pago.
¹² *brasonar* – fazer ostentação; gabar-se.

- * 5. Através do diálogo transcrito, é possível construir um retrato do escudeiro, amo de Apariço.

Caracterize o escudeiro, explicitando três traços da sua personalidade.

6. Selecione a opção de resposta adequada para completar a afirmação.

Tal como se comprova no excerto transcrito, este texto de Gil Vicente foi escrito

- (A) em verso de redondilha menor e apresenta rima cruzada.
(B) em verso de redondilha menor e apresenta rima interpolada e emparelhada.
(C) em verso de redondilha maior e apresenta rima interpolada e emparelhada.
(D) em verso de redondilha maior e apresenta rima cruzada.

PARTE C

- * 7. Tal como em *Quem tem farelos?*, também na *Farsa de Inês Pereira* e no *Auto da Feira* está patente uma visão crítica e satírica do autor sobre a sociedade do seu tempo.

Escreva uma breve exposição na qual comprove a afirmação anterior, baseando-se na sua experiência de leitura da *Farsa de Inês Pereira* ou do *Auto da Feira*.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita dois aspetos que são objeto de crítica na obra selecionada, fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo significativo;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Comece por indicar, na folha de respostas, o título da obra por si selecionada.

GRUPO II

Leia o texto e a nota.

Definido ao longo do tempo pela ação humana, o património cultural, longe de se submeter a uma visão estática e imutável, tem de ser considerado como um «conjunto de recursos herdados do passado», testemunha e expressão de valores, crenças, saberes e tradições em contínua evolução e mudança. O tempo, a História e a sociedade estão em contacto permanente. Nada pode ser compreendido e valorizado sem esse diálogo extremamente rico. Usando a expressão de Rabelais, estamos sempre perante «pedras vivas», já que as «pedras mortas» dão testemunho das primeiras. O património surge, nesta lógica, como um primeiro recurso de compromisso democrático em prol da dignidade da pessoa humana, da diversidade cultural e do desenvolvimento durável. E constitui um capital cultural resultante do engenho e do trabalho de mulheres e homens, tornando-se fator de desenvolvimento e incentivo à criatividade.

Quando falamos de respeito mútuo entre culturas e das diversas expressões da criatividade e da tradição, estamos a considerar o valor que a sociedade atribui ao seu património cultural e histórico ou à sua memória como fator fundamental para evitar e prevenir o «choque de civilizações», mas, mais do que isso, para criar bases sólidas de entreajuda e de entendimento. Impõe-se, deste modo, o reconhecimento mútuo do património inerente às diversas tradições culturais que coexistem no continente e uma responsabilidade moral partilhada na transmissão do património às futuras gerações. E não esqueçamos o contributo do património cultural para a sociedade e o desenvolvimento humano, no sentido de incentivar o diálogo intercultural, o respeito mútuo e a paz, a melhoria da qualidade de vida e a adoção de critérios de uso durável dos recursos culturais do território. Daí a importância da «cooperação responsável» na sociedade contemporânea, através da ação conjugada dos poderes públicos, do mundo da economia e da solidariedade voluntária.

Perante a exigência do reconhecimento mútuo do património inerente às diversas tradições culturais que coexistem e de uma responsabilidade moral partilhada na transmissão do património às futuras gerações, realizamos um exercício prático, em que, a propósito da herança cultural e da salvaguarda de marcos de memória, descobrimos a importância do diálogo entre valores e factos, entre ideais e interesses, entre autonomia e heteronomia. O certo é que os valores, quando reconhecidos socialmente, adquirem um carácter de permanência, tornam-se expressão da memória e do movimento, da tradição e da criação e aliam-se às constantes e invariáveis axiológicas¹ numa relação complexa em que o património e a herança culturais se tornam fatores de liberdade, de responsabilidade, de emancipação, de respeito mútuo e de afirmação da dignidade humana. Uma obra de arte, uma catedral ou uma choupana tradicional, um conto popular, as danças e os cantares, a língua e os dialetos, as obras dos artesãos, a culinária ancestral – eis-nos perante expressões de valores que põem em contacto a História e a existência individual, a razão e a emoção, que constituem a matéria-prima de uma cultura de paz.

Guilherme d'Oliveira Martins, *Património Cultural – Realidade Viva*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020, pp. 7-9.

NOTA

¹ *axiológicas* – que dizem respeito à axiologia ou à filosofia dos valores.

* 1. As palavras de Rabelais, transcritas no texto, confirmam a ideia defendida pelo autor de que o património cultural se caracteriza pela

(A) imutabilidade dos valores que o sustentam.

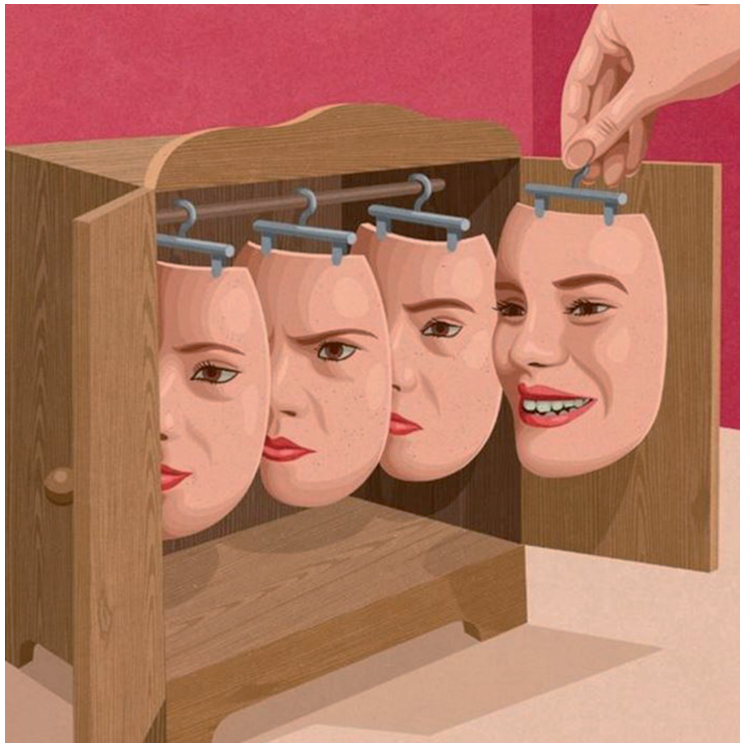
(B) transformação contínua que o enriquece.

(C) submissão a valores do passado.

(D) distinção entre o novo e o antigo.

* GRUPO III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faça a apreciação crítica do *cartoon* abaixo apresentado, da autoria de John Holcroft.



<https://artesemfronteiras.com> (consultado em 14 de fevereiro de 2022).

O seu texto deve incluir:

- a descrição do objeto apresentado, destacando elementos significativos da composição da imagem;
- um comentário crítico, fundamentando a sua apreciação em, pelo menos, três aspetos relevantes e utilizando um discurso valorativo;
- uma conclusão adequada aos pontos de vista desenvolvidos.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	3.	5.	7.	1.	3.	5.	7.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	4.	6.	2.	4.	6.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
TOTAL											200